LOBATO NA ESCOLA: TENSÕES E POSSIBILIDADES

Sônia Travassos (UFRJ)

soniamariatravassos@gmail.com

Resumo

Esse trabalho é parte da dissertação *Lobato, Infância e Leitura – a obra infantil de Monteiro Lobato em diálogo com crianças da atualidade* (UFRJ, 2013), cujo objetivo foi o de analisar a obra infantil de Monteiro Lobato e suas relações com a infância e a leitura: no âmbito dela própria e no diálogo com leitores/crianças contemporâneos. Tem como proposta dialogar com discussões sobre a presença de preconceito racial na obra lobatiana, especialmente em relação à personagem Tia Nastácia, e refletir sobre as possibilidades da mediação de sua leitura na escola, no intuito de ampliar o diálogo das crianças de hoje com tensões que a obra também traz. Para isso, além das reflexões teóricas de passagens da obra, será apresentada a análise de um evento, construído no trabalho de campo da dissertação, que contou com observações e oficinas de leitura com crianças do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal do Rio de Janeiro. Para desenvolver as reflexões teóricas a respeito do racismo e da representação do negro em obras lobatianas, nos apoiamos nos estudos de Lajolo (1998; 1999), Silva (2008) e Silva R. (2008). Para sustentar a análise da mediação realizada durante a leitura de um trecho de "Caçadas de Pedrinho" (Lobato, 2008), que envolveu o diálogo entre a pesquisadora e as crianças da turma, contamos com os estudos de Bakthin (1988; 2011) e de Benjamin (1994): autores que sustentam as concepções de linguagem, tomada na sua dimensão expressiva e constituinte – e de sujeito. Em síntese, o trabalho aponta para a possibilidade de leitura da obra, que inclui tensões, mas que pode, por via da mediação realizada, abrir espaços para a interlocução das crianças de hoje com ela, problematizando também questões sobre preconceitos raciais.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, Preconceito Racial, Mediação.

Introdução

Este artigo será desenvolvido a partir de discussões e análises realizadas em minha dissertação "Lobato, Infância e Leitura – a obra infantil de Monteiro Lobato em diálogo com crianças na escola da atualidade"[1]. Dentre os objetivos desenvolvidos na pesquisa, que envolveram a análise da obra infantil de Lobato e suas relações com a infância e a leitura, destaco neste trabalho problematizações que partiram de debates sobre a presença de preconceito racial na obra, em especial em relação à personagem Tia Nastácia. Para tanto, apresento reflexões sobre passagens da obra infantil do autor - compreendida por este estudo como um clássico da literatura infantil que atravessou gerações de leitores, deixando marcas em diferentes sujeitos e na cultura brasileira - e analiso um evento construído no trabalho de campo da dissertação, numa turma de 2º ano do ensino fundamental de uma escola municipal do Rio de Janeiro, durante oficinas comandadas por mim e cujo mote foi a leitura do livro "Caçadas de Pedrinho" (LOBATO, 2008).

A escolha por desenvolver oficinas surgiu após um período de seis meses de observação participante na turma citada (uma vez por semana), quando as atividades presenciadas com a leitura literária mostraram-se pouco provocativas para a interlocução entre texto e leitor, uma vez que se voltavam muito para o ensino de letras e sílabas. Assim, para provocar as crianças a outras experiências com a literatura, foram necessárias ações propositivas, diferentes das que elas costumavam vivenciar nas propostas da professora. Com este intuito, me apoiei na pesquisa-intervenção. Sobre essa concepção, Castro (2009) esclarece: "o pesquisador seria o agente que, ao desencadear o processo de pesquisa junto a crianças, atua como um parceiro na produção de significados [...]" (p.27). A pesquisa, nessa abordagem, centra-se na relação dialógica entre sujeitos e provoca compreensão ativa de seus participantes. Apostando nela, passei a propor momentos para contar histórias às crianças, entremeados por conversas e seguidos de ações informais, como desenhos etc., que contribuíam para que suas vozes se fizessem ouvir no encontro com tais narrativas. Quando tais experiências se tornaram uma prática, iniciei a proposta de oficinas de leitura com textos de Lobato, seguindo as mesmas

[1] Dissertação defendida em abril de 2012. Visualizar em: http://www.educacao.ufrj.br/dsoniat.pdf

propostas de mediação vivenciadas anteriormente. Várias categorias de análise surgiram desta experiência e foram discutidas na dissertação, por via de oito eventos. Entre eles está o evento "Falar preto é racismo", que apresentarei neste artigo e cuja categoria de análise denominei de "A palavra e seus efeitos de sentido; a compreensão ativa: enunciações e réplicas".

Ainda nesta introdução, no intuito de apresentar o tema a ser discutido, trago as palavras de Marisa Lajolo, retiradas de uma entrevista concedida por ela à Revista Nova Escola, num contexto em que, a partir da divulgação do parecer nº15/2010, elaborado pelo CNE[2] solicitando ao MEC que livros com conteúdos racistas, entre eles, "Caçadas de Pedrinho" (LOBATO, 2008), deixassem de ser distribuídos a escolas públicas do país:

> "Faz parte do papel da escola familiarizar os alunos com um conjunto de textos que se acredita que são importantes para a formação da criança como pessoa humana, justa, decente, generosa, como cidadão crítico, participante, e eu acho que Lobato talvez seja o primeiro grande autor brasileiro que se tem neste sentido, apresentando uma obra admirável sob todos os pontos de vista" (MARISA LAJOLO[3]).

No momento da divulgação do parecer, inúmeros debates circularam entre educadores, especialistas em literatura infantil e juvenil, escritores, representantes do Movimento Negro e leitores em geral, mas este primeiro parecer foi revisto pelo CNE em junho de 2011 (parecer nº 06/2011), como explica o texto publicado pelo Globo Online[4], em 2/6/2011:

> Reunida ontem, a Câmara de Educação Básica do CNE aprovou novo texto em que enfatiza a necessidade de contextualização de obras literárias escritas em outras épocas, quando o preconceito racial era tolerado:
> "O Conselho Nacional de Educação entende que, assim como é importante o contexto histórico em que se produziu a obra literária, tão ou mais importante é o contexto histórico em que se produz a leitura dessa obra", diz nota divulgada pelo CNE. "Uma sociedade democrática deve proteger o direito de liberdade de expressão e, nesse sentido, não cabe veto à circulação de nenhuma obra literária e artística. Porém, essa mesma sociedade deve garantir o direito a não discriminação, nos termos constitucionais e legais, e de acordo com os tratados internacionais ratificados pelo Brasil".

---

[2] Conselho Nacional de Educação

[3] http://www.youtube.com/user/revistanovaescola?blend=7&ob=5#p/u/1/aKAUuOTQ3Vs. Acesso: janeiro de 2013.

[4] http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2011/06/02/conselho-nacional-de-educacao-volta-atras-em-parecer-sobre-proibicao-agora-sugere-contextualizacao-para-obras-924590304.asp#ixzz1OAKKqeMZ. Acesso: janeiro 2013.

> A revisão só ocorreu após o MEC divulgar texto, no mês passado, recomendando a professores que utilizam a obra de Monteiro Lobado que tenham o cuidado de contextualizá-la (O GLOBO, 2011).

Na leitura do texto acima, percebe-se que a discussão sobre a discriminação contra os negros na obra de Monteiro Lobato trouxe também à tona questionamentos sobre os limites do politicamente correto nas narrativas, além de provocar reflexões sobre como a obra pode ser interpretada nos dias de hoje. Uma obra que apresenta trechos com preconceito racial deve ser indicada para leitura? Como ela deve ser mediada na escola atual?

Para Lajolo[5], ao se pensar a questão do racismo na obra de Lobato, o importante seria refletir a respeito dos efeitos que ela tem sobre o leitor. A obra forma pessoas racistas? Para ela, ao contrário, a obra contribui para tornar as pessoas mais solidárias com aqueles que sofrem atitudes preconceituosas por parte de outros. Destaco um diálogo de "Viagem ao Céu" (LOBATO, 2007), entre Narizinho e Emília, para ilustrar essa perspectiva:

> - Vou pedir a Tia Nastácia que bote as perninhas, os braços e a cabeça que faltam. - Hoje? Que ideia! – exclamou a menina.
> - Hoje, sim – afirmou Emília. – Tia Nastácia está "lagarteando", mas negra velha não tem direito de repousar. Narizinho encarou-a com olhos de censura.
> - Malvada! Quem neste sítio tem mais direito de descansar do que ela, que é justamente quem trabalha mais? Então negra velha não é gente? Coitada! (p. 13 e 14).

Não se pode afirmar que a obra lobatiana forme pessoas racistas, mas há questões já elucidadas por Lajolo e por outros estudiosos que ajudam a refletir sobre essa polêmica questão. Assim, num primeiro momento deste artigo, apresentarei exemplos retirados de livros infantis de Lobato, nos quais observaremos como suas personagens dialogam criticamente com o mundo. Em seguida, destacarei passagens em que Tia Nastácia ora é valorizada, ora sofre preconceitos. Por fim, analisarei um evento no qual acontece o encontro de leitores com uma passagem de "Caçadas de Pedrinho".

Para analisar as passagens da obra que envolvem a relação entre as personagens lobatianas e o mundo, assim como entre elas e Tia Nastácia, visando refletir a respeito do preconceito racial e da representação do negro em obras de Lobato, nos apoiamos em estudos e ensaios de Lajolo (1998,

[5] http://www.youtube.com/user/revistanovaescola?blend=7&ob=5#p/u/1/aKAUuOTQ3Vs. Acesso: janeiro de 2013.

1999), Silva (2008) e Silva R. (2008), entre outros. Para sustentar a análise da mediação realizada durante a leitura de um trecho de “Caçadas de Pedrinho” (LOBATO, 2008), que envolveu o diálogo entre a pesquisadora e as crianças da turma, revelando enunciações e réplicas de ambas as partes, contamos com os estudos de Bakthin (1988, 2011) e de Benjamin (1994): autores que sustentam as concepções de linguagem - tomada na sua dimensão expressiva e constituinte - e de sujeito.

1 Lobato – um marco na literatura infantil brasileira

A obra de Lobato é considerada por muitos pesquisadores como um marco de qualidade na literatura infantil brasileira. Estudos mostram que antes do autor iniciá-la, as histórias lidas pelas crianças eram quase todas importadas da Europa, ambientavam-se em contextos diversos dos da realidade nacional e, muitas vezes, preocupavam-se mais em ensinar do que em abrir as portas para a imaginação. Atento a este cenário, Lobato, a partir dos anos 1920, cria uma literatura na qual a criança é convidada a sonhar e a ampliar suas experiências culturais e o diálogo com a realidade. Os principais agentes de suas narrativas são crianças livres que imaginam, brincam, leem, trocam ideias, resolvem problemas e recriam o contexto no qual estão inseridos. Para vários estudiosos, Lobato possuía um projeto político e ideológico: através de sua literatura abrir espaços de interlocução entre as crianças e o mundo, investindo na sua formação crítica, para, através delas, buscar um Brasil melhor e mais justo: “Educam-se futuros cidadãos que possam encontrar soluções para os problemas brasileiros...” (VASCONCELOS, 1982, p. 58 apud SANDRONI, 1987, p.53). Assim, temas como a política, a ciência, a cultura, a economia, as relações sociais são abordados nas histórias lobatianas, provocando sempre o debate e apontando também para sentimentos humanitários. Em “Geografia de Dona Benta” (1957), quando a avó conversa com os netos sobre a situação da seca no nordeste brasileiro e a fome que assola as pessoas da região, Pedrinho logo se afeta pela informação e reage: “- Mas por que não corrigem isso? Por que não fazem poços artesianos, ou não plantam árvores nessas caatingas, ou não constroem canalizações [...]?” (p.70).

O exercício de questionar, opinar, criticar – que revela as vozes das personagens e da sociedade em que vivem - perpassa a obra nas mais variadas situações, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico das personagens e consequentemente dos leitores. Importante ressaltar que todas as personagens - crianças, adultos, negros, brancos, animais, bonecos- têm vez e voz para expressar suas opiniões. Vejamos uma cena de "O Minotauro" (LOBATO, 2010), quando, ao chegarem aos domínios de Péricles (na Grécia Antiga), Narizinho e Dona Benta precisam embarcar numa liteira.

> - Minha senhora, o estratego manda pôr à vossa disposição a sua liteira – disse ele apontando para uma liteira estacionada ali perto, ladeada de cinco latagões. Eram escravos de Péricles.
> Dona Benta respirou. "Ora graças!", e encaminhou-se para o veículo. Narizinho, porém, revoltou-se. Não podia admitir que seres humanos fossem usados como bestas de transporte.
> - Não tenho coragem de entrar nisso, vovó! Desaforo. Gente como nós a nos carregar. Nunca! E ainda chamam isso de democracia... (p. 64).

Narizinho está num outro tempo histórico e cultural, mas dialoga com ele de acordo com as convicções que traz do seu tempo. Em sua fala, questiona a situação em que se encontra e justifica sua opinião construindo uma crítica, fundamentada por sua visão de mundo. O diálogo com outros tempos e culturas faz parte de várias narrativas lobatianas, o que contribui para que suas personagens sejam levados a ampliar a visão de mundo, provocando-as a construir uma postura crítica diante daquilo que se apresenta, além de abrir espaço para que ressignifiquem o próprio presente, reafirmando ou repensando sentidos para a realidade em que vivem.

Como muitos estudos apontam, Lobato acreditava profundamente na democracia como forma de governo. Assim, em variadas situações, onde os problema s e impasses não podem ser resolvidos pela análise da situação, da argumentação e da troca de informações, lança-se mão do voto. Em "Viagem ao Céu" (LOBATO, 2007), as personagens querem chegar à Lua, mas ao aterrissarem nela, não reconhecem o lugar e iniciam-se as discussões:

> - Eu acho que isso aqui é o Sol – declarou Emília. – Apenas estou estranhando não ver nenhuma floresta de raios.
> - O disparate está de bom tamanho! – caçoou Pedrinho. – Não sabe que o sol é mais quente que todos os fogos e que se estivéssemos no Sol já estávamos torrados até a alma? Pelo o que vovó nos explicou, isso está com cara de ser a Lua, mas não tenho certeza (p. 31).

A troca de ideias e informações faz parte das relações entre as personagens do Sítio e por mais inteligentes ou inusitadas que possam parecer, haverá sempre outro personagem para contrapô-las, usando de conhecimentos já adquiridos. Porém, quando elas não resolvem a situação, lança-se mão de outros instrumentos do mundo real. Parafraseando Vasconcelos (1982), poderíamos dizer: educam-se futuros cidadãos que conheçam os instrumentos da democracia e, num exercício cotidiano, aprendam a usá-los. Vejamos a continuidade dessa cena:

> Emília interrompeu-o: Achei um jeito de saber que astro é esse. Basta fazermos uma votação. Se a maioria votar que isso é a Lua, fica sendo a Lua. É assim que os homens lá na Terra decidem a escolha dos presidentes [...] Pedrinho foi tomando os votos. - Você Narizinho? - Lua! - E você Emília? - Luíssima! - Eu, Pedrinho, também Lua. E você, Tia Nastácia? A negra, ainda tonta, olhou para o menino com expressão idiotizada e respondeu: - Para mim, nós estamos na Terra mesmo; e tudo não passa de um sonho de fadas. - Três narizes a favor da Lua e um a favor da Terra! – gritou Pedrinho. - A Lua ganhou. Estamos na lua. Viva a Lua!... (LOBATO, 2007, p. 33-34).

O Sítio é o espaço da fantasia, mas é o espaço onde a fantasia dialoga naturalmente com a realidade. O que importa aqui é a forma como as personagens agem para resolver a situação, fazendo uma votação tal “como os homens lá na Terra decidem a escolha dos presidentes”. Elas se utilizam da fantasia para dialogar com o real e nesse “exercício” aprendem a estar no mundo de forma mais democrática.

Duas questões chamam ainda a atenção na cena destacada e que nos leva às discussões sobre o racismo na obra. A primeira é a forma como as personagens incluem Tia Nastácia no processo de votação: mesmo não precisando mais do voto da cozinheira, Pedrinho dirige-se a ela, considerando sua opinião. A segunda é como o narrador, de forma pejorativa, se dirige a Tia Nastácia. O que se repete várias vezes ao longo da obra, também pelas vozes das personagens. Vamos refletir melhor sobre essa questão na próxima parte.

2 Tia Nastácia

De acordo com Silva (2008), o narrador lobatiano, ao se referir à Tia Nastácia como *a negra, a preta* e *a boa negra,* omitindo seu nome, revela “sinais do que também seria conhecido como racismo cordial, uma forma de

racismo peculiar da experiência brasileira com a escravidão" (p. 51). No entanto, para ela, seria importante lembrar que Lobato terminou de escrever sua obra nos anos 1940 e, ao olharmos para ela, também seria importante atentar para a ideia de que a literatura reflete uma sociedade em andamento:

> no caso da obra lobatiana caracteriza uma produção surgida num país cuja sociedade buscava seus caminhos em meio às consequências de um demorado escravismo e de um recente encontro com os ideais republicanos. Os estertores de um sistema deixado para trás se mesclavam com os preconceitos e com um acentuado europeísmo, e neles se prolongavam (SILVA, 2008, p.52).

Mas continuemos a pensar sobre Tia Nastácia: ao longo das centenas de páginas escritas pelo autor, a personagem está sempre presente. Cozinheira de mão cheia, simplória e medrosa, é descrita na primeira página de "Reinações de Narizinho" como uma "negra de estimação que carregou Lúcia em pequena" (LOBATO, 2007a, p. 12). Essa descrição, que hoje nos parece chocante, pode ser melhor compreendida se pensarmos no contexto social do século XIX, como sugere um comentário de Narizinho: "- Tia Nastácia conta que a mãe dela veio da África, dum lugar chamado Angola [...] - Também conta que foi escrava sua; quando nova, vovó (LOBATO, 1957, p. 215).

No final do século XIX e início do XX, era comum que os escravos libertos passassem a viver como empregados de seus antigos donos, realizando serviços domésticos, convivendo de perto com a família e tornando-se quase parte dela. Assim, para alguns estudiosos da obra, ao criar Tia Nastácia, Lobato tentava mostrar um retrato do seu tempo, quando o negro não tinha acesso à cultura letrada e a convivência interracial, na maior parte das vezes, só era possível na relação patrão/empregado. O lugar social ocupado por Tia Nastácia nas narrativas é um lugar de subserviência, porém, isso não faz dela uma personagem menor: ela é uma personagem querida e que participa de todas as aventuras, mesmo que nos eventos que ultrapassam as porteiras do Sítio continue comprindo o mesmo papel que exerce nele, "fazendo bolinhos para o Minotauro ou fritando batatas para o Príncipe Codadade" (LAJOLO, 1999, p. 76). Em sua participação há diferentes posicionamentos das demais personagens para com ela.

A primeira passagem que destaco, expressa o afeto que outros personagens têm por ela: "- Sim, Pedrinho! – confirmou Dona Benta enxugando os olhos. – Naquele tumulto perdemos a nossa querida e fiel cozinheira". Ao que Pedrinho responde prontamente: "Temos que agir sem demora. Temos de organizar uma expedição para o salvamento de Tia Nastácia!" (LOBATO, 2008a, p.119). Já quanto às opiniões, saberes e ações da personagem, ora ela é valorizada, ora é criticada. Vejamos:

> - Acuda, Tia Nastácia! O lobo está entrando de verdade e vai comer Dona Benta. Ouvindo o berro, a negra veio da cozinha com a vassoura e num instante espantou dali a fera com três boas vassouradas no focinho. [...] - Bravos! – exclamou Emília batendo palmas. – A senhora é tão valente que até merece casar com o Pásaro Roca (LOBATO, 2007b, p. 30).

> - Todos se admiraram daquela sabedoria, mas Pedrinho não se contentou. Quis também consultar Tia Nastácia lá na cozinha. - E você, Tia Nastácia, que acha? – perguntou-lhe. A negra, que acabava de matar um frango, foi de opinião que o bonito seria começar pela lua, "onde São Jorge vive toda a vida matando um dragão com sua lança!" A ideia foi recebida com palmas e berros. [...] E a lembrança de Tia Nastácia foi a vencedora (LOBATO, 2007, p. 28).

> - Não entendo como a Sª Darling foi deixar a janela aberta. […] - Boba! – exclamou Emília. – Se ela não deixasse a janela aberta não podia haver história (LOBATO, 2009b, p. 27).

> Todos riram-se. A pobre preta achava que diante dos poderosos era de bom-tom "falar difícil", e sempre que queria falar difícil vinha com aquelas três palavras, "competência", "prepotência" e "fisolustria". Ela ignorava o significado dessas coisas, mas considerava-as uns enfeites obrigatórios na "linguagem difícil" (LOBATO, 2007, p. 47).

Nas passagens acima, Tia Nastácia, quando desvalorizada, nada diz. Porém, em outros momentos, sua voz pode ser ouvida: "- Tenha paciência – dizia a boa criatura. - Agora chegou minha vez. Negro também é gente, Sinhá…" (LOBATO, 2008, p. 71); ou: "- Isso também é demais! – gritou ela. – É judiação. Cortar a cabeça da sombra de uma pobre negra velha que nunca fez mal a um mosquito… Mas quem foi o malvado?" (LOBATO, 2009b, p. 27).

Um dos pontos mais discutidos na polêmica sobre o racismo na obra de Lobato é a questão dos xingamentos e das palavras que desqualificam características físicas da pessoa negra, como na cena abaixo:

> Emília explicou: - Essa burrona teve medo de cortar a ponta da asa do anjinho. Eu bem que avisei. Eu vivia insistindo. […] E

> ela, com esse beição todo: Não tenho coragem… É sacrilégio… Sacrilégio é esse seu nariz chato. (LOBATO, 2007c, p. 69).

A questão do desrespeito de Emília para com Tia Nastácia é motivo de muitos debates entre leitores e estudiosos da obra lobatiana, que entendem os xingamentos da boneca como manifestação clara do racismo do autor. Há que se admitir que tanto a obra adulta, como a infantil revelam posições ambíguas do escritor, como analisa Lajolo (1999). Em algumas obras o escritor abraça questões de superioridade racial, em outras tece críticas à escravidão. Assim:

> Longe de desqualificar a questão, esta ambiguidade torna-a ainda mais relevante. Mas os melhores ângulos para discuti-la não se esgotam na denúncia bem intencionada dos xingamentos de Emília, absolutamente verossímeis e, portanto, esteticamente necessários numa obra cuja qualidade literária tem lastro forte na verossimilhança das situações e na coloquialidade da linguagem (LAJOLO, 1999, p. 67).

De acordo com a pesquisadora, um caminho mais esclarecedor seria discutir como se coloca a questão da representação do negro nos livros de Lobato e aponta a obra “Histórias de Tia Nastácia” como exemplo para este estudo. Que espaço o negro ocupava ou poderia ocupar naquela sociedade? Que valor tinha sua cultura popular se comparada à cultura letrada?

Nesse livro, de 1937, Tia Nastácia assume o posto de contadora de histórias do Sítio para narrar os contos do folclore. Porém, “o posto de ‘detentora do conhecimento’, ainda que de um conhecimento concernente à cultura popular oral, continua sendo de Dona Benta. É a avó quem esclarece aos netos as origens das histórias, as variações relativas à sua transmissão oral [...]” (SILVA, R. 2008, p.375). Tia Nastácia seria a porta-voz do povo. Aquela que transmite as histórias como ouviu, sem emitir reflexões sobre elas. Sua exigente platéia, ao contrário, criticará os contos folclóricos, assim como a cultura popular que os criou, contrapondo-os às histórias lidas por Dona Benta, cujo repertório parte da palavra escrita e de fontes européias.

Ao longo deste livro, observa-se que a situação de narração e recepção encenada nos serões apresenta uma contraposição entre a cultura popular e a moderna, a rural e a urbana, a oral e a escrita. Ficará a cargo de Dona Benta, apontar razões históricas que teriam contribuído para este cenário, como o analfabetismo presente em muitas camadas sociais do Brasil:

> “- Os colonizadores trouxeram estas histórias e soltaram-nas por aqui – e o povo as vai repetindo [...]. Como não sabem ler, só entra na cabeça dos homens do povo o que os outros contam [...]. Só quem sabe ler, é que se põe de acordo com os progressos que as ciências trouxeram ao mundo (Lobato, 2009a, p. 61-62).

Lajolo (1998), em “A figura do Negro em Monteiro Lobato”, faz importante reflexão sobre a forma como a obra revela as diferentes culturas que conviviam no Brasil de então: para ela, o apagamento da tensão entre diferentes mundos da cultura poderia ter um sentido alienante, pois não tematizá-la proporcionaria ao leitor “a experiência apaziguante de uma situação na qual fica apagada toda a violência do modo pelo qual se processava a modernização brasileira” (1998,s/p). Apontando para o europeísmo que dominava os anos 1930, questiona: “Que lugar podia haver, nesse mundo moderno, para tias nastácias e as culturas que elas representavam?” (1998).

Para concluir esse item, tomo as ideias do filósofo da linguagem, Mikail Bakhtin (1988), que compreende que na tessitura de qualquer enunciado, já se encontram outras vozes que se entrelaçam dialogicamente. Assim, no discurso de um autor, se encontram as vozes sociais que ecoam no meio onde ele circula, as vozes de outros textos, dos leitores e a sua própria voz concordando e discordando destes discursos, como vemos em “Histórias de Tia Nastácia”.

3 Lobato e racismo: como dialogar com a questão na escola atual?

Tendo feito o percurso acima, volto à questão sobre a leitura ou não de obras que apresentam situações de discriminação racial na escola. Elas podem interferir negativamente na formação da identidade de leitores/crianças negros? Pensando na obra de Lobato, um clássico da literatura infantil brasileira, entendo que, apesar das ambiguidades que fazem parte dela, sua leitura na escola do século XXI, ao contrário de trazer prejuízos aos leitores, pode levá-los a conversar com a realidade, problematizando-a.

Apoiando-me nas ideias de Walter Benjamim (1994), compreendo o espaço da narrativa como um espaço de diálogo e de rememoração, que pode assumir papel importante na constituição do homem como sujeito social, pois ao intercambiar experiências, ao se reconhecer ou se estranhar na experiência do outro, estabelecemos elos de coletividade. Para Benjamin, passado, presente e futuro se interligariam e seria por meio da narrativa, que se poderia

recuperar o passado, colocá-lo em questão no presente e alterar o futuro. Ao se deparar com as narrativas lobatianas, escritas em outro momento histórico e cultural, o leitor pode dialogar com o passado, colocá-lo em questão no seu presente, e, se assim o vislumbrar, redirecioná-lo para o futuro.

Nesse sentido, a leitura, na escola, de uma obra escrita em outra época, e que traz suas marcas (como o preconceito racial) requer o olhar atento do professor/mediador para contextualizá-la, ouvir as vozes dos alunos, colocar os debates que surgirem na mesa, no intuito de ampliar quaisquer discussões. Mas ainda que essa mesma leitura não seja mediada por um professor adulto, a criança, que é constituída na interação com seu tempo e cultura - terá condições de dialogar com ela, interrogando-a. Um leitor, desde a infância, já é povoado de outras vozes e experiências que estarão com ele a cada nova leitura, fazendo parte da interação com aquela que se inicia. Assim, apresento abaixo a análise do evento: **Falar preto é racismo –** *a palavra e seus efeitos de sentido; a compreensão ativa: enunciações e réplicas.*

Este evento refere-se à leitura do capítulo *O assalto das onças*, de "Caçadas de Pedrinho" (LOBATO, 2008). Nesta parte do livro, o "onço", viúvo da onça morta pelas crianças do Sítio, se revolta e ataca o Picapau Amarelo, junto aos demais bichos da mata. As personagens se protegem sobre pernas de pau e as cenas seguem com emoção. Num determinado momento, os animais que atacavam o Sítio descobrem que o "almoço" deles estava sobre pernas de pau e ficam satisfeitos. O texto, na voz do narrador, e que foi lido integralmente pela pesquisadora, diz: "Não tinham comido na véspera, (...) e viram que iam ter uma bela variedade de petiscos – um menino, duas meninas, um leitão, uma boneca, uma velha branca e uma velha preta. Ótimo". (LOBATO, 2008, p. 39). Ao ouvir a palavra preta, duas meninas cochicham "*falar preto é racismo*", provocando o diálogo abaixo:

> **Júlia:** Falar preto é racismo.
> **Pesquisadora:** Por quê? (ninguém responde).
> **Pesquisadora então pergunta:** E como é que se fala? Negro?
> **Júlia:** Uma senhora.
> **Pesquisadora:** É que na época de Monteiro Lobato não era racismo falar assim. Hoje tem gente que acha que é.
> **Marcos:** Podia falar a negra.
> **Pesquisadora:** Naquela época eles não achavam que era racismo, mas hoje vocês acham que é racismo?
> **Crianças:** É. Eu acho. Eu acho.

> **Pesquisadora:** Então podia falar como? Vamos trocar então? Como eu posso falar - as duas senhoras? **Maria:** Negra.
> **Pesquisadora:** Então vou trocar: “Uma senhora branca e uma senhora negra.” Ficou melhor assim? **Crianças**: Ficou. Ficou.

“O que faz da palavra uma palavra é a sua significação”, afirma Bakhtin (1988, p. 49). Estamos diante de um evento em que a palavra preta, pronunciada por via de um texto literário, provocou a reação imediata da ouvinte Julia. Para Bakhtin, quando pronunciamos palavras, pronunciamos “verdades ou mentiras, coisas importantes ou triviais, porque a palavra, segundo o autor está sempre carregada de um conteúdo e um sentido ideológico e vivencial [...] e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (p. 95). Ao ouvir a palavra preta, que no contexto da narrativa referia-se à personagem Tia Nastácia, Julia (uma menina negra) reagiu construindo uma enunciação – *falar preto é racismo* - que respondia à compreensão que teve daquele contexto. Para Bakhtin (1988), “aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado de palavra, mas, ao contrário um ser cheio de palavras interiores” (p. 147). Palavras que aparecerão em suas enunciações.

Como coloca o filósofo, a enunciação é o produto da interação entre indivíduos socialmente organizados, por isso a palavra sempre se dirigirá a um interlocutor (Bakhtin, 1988). Ao dizer *falar preto é racismo,* Julia se dirigia a diferentes interlocutores, comunicando a todos o significado que atribuiu àquele contexto e fixando sua posição de sujeito social em relação ao outro. Porém, sua enunciação é feita de forma cochichada, o que também revela seu olhar sobre a sociedade e sobre seus interlocutores. Segundo Stella (2012), para Bakhtin, a palavra está relacionada à vida e, nos momentos de interação entre falante e interlocutor, concentra em torno de si as entoações do falante: “as entoações são valores atribuídos e/ou agregados àquilo dito pelo locutor. [...] correspondem a uma avaliação da situação pelo locutor posicionado historicamente frente ao seu interlocutor. [...] São esses valores que devem ser entendidos, apreendidos e confirmados ou não pelo interlocutor” (p. 178).

Julia parece compreender que as questões que tangem o tema do racismo são polêmicas. *Falar preto é racismo* dialoga e reitera uma das concepções que giram em torno desta discussão na sociedade atual, e na qual ela se insere. Porém, ela está entre diferentes interlocutores que poderiam não

confirmar tais valores: o outro nunca terá um papel passivo no processo interlocutivo, atribuindo significados às enunciações. Assim, sua enunciação provoca a da pesquisadora e o diálogo se inicia. Nas enunciações que se seguem, observamos o que Faraco (2009) explicita ao se referir às relações dialógicas, na teoria bakhtiniana: “para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico [...], tenha se transformado num enunciado, tenha fixado a posição de um sujeito social” (p. 66). A partir desta ideia, compreendo que os participantes do evento fixaram, através de seus enunciados e réplicas, suas posições de sujeitos sociais. De acordo com Bakhtin (2011), “o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele, completa-o, aplica-o, etc.” (p. 271). Ao longo do diálogo travado foi possível ouvir concordâncias, discordâncias, ponderações e proposições sobre o tema discutido, que ampliaram as possibilidades de compreensão dos envolvidos. Como afirma Bakhtin (1988), quanto mais numerosas e substanciais as réplicas forem, “mais profunda e real é a nossa compreensão” (p. 132). Na concepção do filósofo, a compreensão, como coloca Freitas:

> se constitui como uma forma de diálogo, no qual compreender é opor à palavra do outro uma contrapalavra. Assim a significação só se realiza nesse processo de compreensão ativa e responsiva que supõe dois sujeitos, todos com direito a voz. Essa compreensão ativa é criadora, pois, completa o texto do outro, tornando-se um processo de co-criação dos sujeitos (2011, p. 3).

Voltando à polêmica sobre o racismo na obra lobatiana e se textos com conteúdos e termos preconceituosos devem fazer parte dos acervos escolares, penso que o evento analisado aponta caminhos para lidar com tais questões: ao acolher as vozes das crianças, a mediadora trouxe informações sobre outra época, procurando ampliar a discussão e a compreensão dos ouvintes a esse respeito, apesar de mostrar um único ponto de vista ao afirmar que naquela época não era racismo, mas não deixa de abrir espaços, no debate, para as crianças expressarem seus pontos de vista, relacionando o que interpretaram na leitura com o contexto sócio histórico onde estão inseridos, ampliando assim a compreensão a respeito de si mesmo e sobre o mundo. Como afirma Bakhtin (2011), o sujeito da compreensão “não pode excluir a possibilidade de mudança e até de renúncia aos seus pontos de vista [...]. No ato da

compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento" (p.378).

Considerações finais

Nos debates em torno do ato de ler e de ler literatura, refletindo sobre o encontro entre texto e leitor, Cosson (2006) afirma que "ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados" (p.27*).* Yunes (2009) completa esta ideia afirmando ainda que "o universo do discurso (a língua posta em uso) deixa ver/ouvir diferentes vozes, animadas por distintas ideologias, que atravessam os textos e os falantes" (p.32). Para os dois autores, a produção de sentidos que se estabelece por via da leitura, extrapola a relação entre quem escreve e quem lê, dilatando-se e expandindo-se para a esfera social.

Entendo a literatura como parte inseparável da cultura, da história e do contexto social de cada época: sua leitura na escola seria um caminho possível para a compreensão do universo sócio histórico do qual fazemos parte, pois na enunciação literária estão impressos valores éticos e estéticos, visões de mundo, tempos e espaços que constituem os sujeitos, a sociedade e a história. Para Goulart (2007), baseada em Bakthin (1998), o discurso literário seria considerado como uma cratera "em que se hibridizam muitas linguagens sociais, muitos gêneros, muitos sujeitos, apresentando a sociedade de forma viva, pulsante, contraditória, estetizando e arquitetando a linguagem de modos diversos" (p.64). Para ela (2003[6]) os textos literários seriam mais polissêmicos e polifônicos do que os de outras áreas: porque são passíveis de diferentes leituras, dependendo da história de vida de cada leitor; e porque na voz do autor estão as vozes de outras pessoas, autores, da sociedade, da história.

A obra de Lobato é permeada de muitas vozes e inclui tensões, sem dúvida, mas sua leitura na escola pode abrir espaços para a interlocução e a interação das crianças de hoje com contextos e realidades diferentes dos atuais, abrindo-se a múltiplas interpretações dos leitores, permitindo a vivência da alteridade e provocando reflexões e experiências que - fazendo passado,

[6] BRASIL. SEB/MEC. Publicação eletrônica. Salto para o Futuro. **Série Letramento e Leitura da Literatura**. Ano XII, s/n, p. 2, 2003. (Consultoria: Cecília Aldigueri Goulart, Eleonora C. Abilio e Margareth Mattos).

presente e futuro dialogarem em diferentes aspectos, como os que se referem a preconceitos raciais - ampliem os referenciais das crianças no mundo atual.

Referências:

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas vol**. I. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Estética da criação verbal***.* São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CASTRO, Lucia Rabello. **Conhecer, transformar (-se) e aprender**: pesquisando com crianças e jovens). In: **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. CASTRO, L.R. de; BESSET Vera Lopes (orgs). Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Implicações de ser no mundo e responder aos desafios que a educação apresenta**. Conferência apresentada no I EBBA – Encontro de Estudos Bakhtinianos. Juiz de Fora: UFJF. 4 a 6 de novembro de 2011.

GOULART, C. **Alfabetização e letramento**: os processos e o lugar da literatura. In: PAIVA, et all. (Orgs).**Literatura**: saberes em movimento. BH: Autêntica, 2007, 57-67.

LAJOLO, Marisa. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. Unicamp: Instituto de Estudos da Linguagem – IEL. 1998.

_____. **Negros e Negras em Monteiro Lobato**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, et. al. **Lendo e escrevendo Lobato**. BH: Autêntica, 1999. P. 65-82.

LOBATO, Monteiro. **Geografia de Dona Benta**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. **Viagem ao Céu**. São Paulo: Editora Globo, 2007.

_____. **Reinações de Narizinho**. SP: Editora Globo, 2007a (vol. 1).

_____. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Ed. Globo, 2007b (vol.2).

_____. **Memórias da Emília**. São Paulo: Editora Globo, 2007c.

_____. **Caçadas de Pedrinho**. São Paulo: Editora Globo, 2008.

_____. **O Picapau Amarelo**. São Paulo: Editora Globo, 2008a.

_____. **Histórias de Tia Nastácia**. São Paulo: Editora Globo, 2009a.

_____. **Peter Pan**. São Paulo: Editora Globo, 2009b.

_____. **O Minotauro**. São Paulo: Editora Globo, 2010.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga**: as reinações renovadas. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SILVA, Luciana F. Alborghetti. **Representação de Infância em Monteiro Lobato**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, 2008.

SILVA, R. Afonso. **Histórias de Tia Nastácia: serões sobre o folclore** brasileiro. In: CECCANTINI, João Luís; LAJOLO, Marisa (org.). **Monteiro Lobato livro a livro**: obra infantil. São Paulo, Editora Unesp, 2008a, p. 373-388.

STELLA, Paulo Rogério. **Palavra**. In: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin**: Outros Conceitos-Chave. São Paulo: Contexto, 2012, p. 177-190.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymará, 2009.